

RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID: O DESAFIO DO ENGAJAMENTO ESTUDANTIL PARA O APRENDIZADO DA LÍNGUA INGLESA

ALINE HARO FEIJÓ¹; GIORDANA DE JESUS CASTRO²;
EDUARDO MARKS DE MARQUES³:

¹Universidade Federal de Pelotas – alinehfeijo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – castrogiord@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar as primeiras experiências enquanto professoras em formação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), atuando no núcleo de Língua Inglesa no Colégio Municipal Pelotense em turmas do 2º ano do Ensino Médio, na cidade de Pelotas/RS.

A atividade aplicada tinha como foco o desenvolvimento da oralidade em inglês a partir de um texto sobre food deserts, áreas urbanas ou rurais em que a população tem pouco ou nenhum acesso a alimentos frescos e saudáveis. O tema foi escolhido por dialogar com questões sociais e alimentares que fazem parte da realidade de muitos estudantes, e por permitir o uso da língua inglesa de forma mais significativa.

Mesmo com todo o planejamento e expectativa, a primeira experiência em sala não saiu como o esperado. Encontramos uma turma pouco engajada, com muita conversa paralela e quase nenhuma participação. Apesar de frustrante, este momento foi essencial para que repensássemos nossa abordagem e ajustássemos a aula seguinte, que teve uma recepção melhor por parte dos alunos; entretanto, também compreendemos que discutir engajamento não pode se restringir apenas à observação pontual da sala de aula. Como destacam SHIRLEY e HARGREAVES (2022), o engajamento estudantil deve ser analisado em suas dimensões psicológicas e sociais, articulando fatores como motivação intrínseca e pertencimento, e ter isso em mente contribuiu para que interpretamos nossa experiência de maneira crítica. Neste relato, compartilho esse processo, que foi, acima de tudo, de escuta, adaptação e aprendizado.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A proposta da atividade estava dividida em três momentos: uma breve conversa inicial sobre o que os alunos achavam que seria um food desert, seguida da leitura de um texto curto em inglês e, por fim, uma discussão em sala sobre o tema. A ideia era que eles praticassem a oralidade a partir do conteúdo lido, expressando opiniões e sugerindo soluções para o problema apresentado no texto.

Na primeira aula, seguimos o plano como havíamos pensado. Iniciamos com um brainstorm que resultou de questões sobre o conhecimento já existente dos alunos: “Vocês sabem o que é um “food desert”? “O que pode ser?”; os alunos, em sua maioria, sabiam o que é “food” e “desert” separadamente, e com isso conseguimos estimular o raciocínio para chegar na definição de “food desert”. Após o brainstorm, entregamos os textos sobre food desert e esperamos que terminassem a leitura silenciosa, para que assim pudéssemos ler o texto em voz alta. Fizemos pausas durante a leitura para certificar que todos estavam compreendendo, e fizemos questões de foco contextual, como “o que está faltando

nos bairros/áreas rurais?”, assim confirmando se os alunos sabiam o que a palavra “lacking” significa, por exemplo. Depois disso, incentivamos os alunos a comentarem sobre o que o texto falava, e novamente usamos questões para incentivar a participação; como “Vocês sabiam desse problema?”. Todas as questões foram passadas de forma oral; não foi entregue folha de exercício nesta aula. No entanto, desde o começo foi difícil manter a atenção da turma. Muitos não prestaram atenção, conversavam entre si ou sequer se mostravam interessados no tema. Poucos tentaram responder às perguntas, e o momento de fala em inglês, que seria o ponto principal da aula, quase não aconteceu.

Vale ressaltar que além de três estudantes universitárias bolsistas do PIBID, havia também o professor titular na sala, o que pode ter dispersado a autoridade e causado estranhamento nos alunos. Sem uma figura de autoridade estabelecida e sem instruções claras para as atividades de inglês, os estudantes não entendiam o que precisavam fazer e a quem deveriam ouvir.

Depois dessa primeira tentativa, percebemos que precisaríamos adaptar nossa estratégia. Para a segunda aula, resolvemos manter o tema e a estrutura, mas decidimos escrever algumas perguntas no quadro, para que os alunos pudessem visualizá-las enquanto pensavam nas respostas. Também buscamos tornar o debate mais próximo da realidade deles, perguntando diretamente se conheciam bairros em Pelotas que se encaixavam na definição de food desert, e o que poderia ser feito para mudar esse cenário.

Com isso, a aula fluiu melhor. Houve mais participação e interesse. Vale ressaltar que em nenhum momento os alunos foram levados a acreditar que apenas respostas em inglês seriam válidas; a participação era o ponto fundamental, seja em inglês ou português. A presença das perguntas no quadro ajudou bastante nesse processo, pois serviu de guia para a fala deles e tirou um pouco do peso da oralidade imediata.

Imagem 1: Texto sobre food deserts.

Understanding Food Deserts and the Importance of Addressing Food and Nutrition Insecurity

Food deserts are defined as areas where access to affordable, nutritious food is limited or nonexistent, particularly for residents without reliable transportation. These areas are often urban neighborhoods or rural towns lacking supermarkets, grocery stores, or other sources of fresh, healthy food. Instead, convenience stores and fast-food restaurants dominate, offering processed and calorie-dense options with little nutritional value.

Obtaining fresh fruits, vegetables, and other nutritious foods is a significant challenge for those living in food deserts. This lack of access often leads to poor dietary choices, increasing the risk of chronic illnesses such as obesity, diabetes, and heart disease.

Without proper nutrition, children struggle to focus in school, adults find it harder to perform at work, and families face mounting healthcare costs, creating cycles of poverty and health disparity.

Fonte: <https://www.lafoodbank.org/stories/understanding-food-deserts/>

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados divergentes da primeira e segunda aula, pode-se entender que o que estava faltando era uma atividade mais estruturada e com instruções mais claras. Alunos do 2º ano do Ensino Médio em uma escola pública dificilmente terão conhecimento e repertório suficiente para engajar em uma aula de inglês que se apoia quase inteiramente na oralidade. Autores como SHIRLEY e HARGREAVES (2022) destacam que o engajamento não pode ser compreendido apenas pela ótica da motivação individual, mas precisa ser analisado também em suas dimensões sociais e institucionais. Levamos isso em conta ao formular a modificação para a segunda aula, e assim obtemos um resultado mais satisfatório que tivemos previamente.

A experiência mostrou que o engajamento não depende apenas de tornar o tema mais próximo ou interessante. Como destacam SHIRLEY e HARGREAVES (2022), é preciso oferecer desafios junto com apoios que ajudem os alunos a avançar. Quando deixamos claros os objetivos e organizamos a atividade em passos visíveis, a participação aumentou. As perguntas no quadro funcionaram como guia e facilitaram a entrada dos estudantes na proposta.

O aprendizado formativo dessa vivência foi metodológico. Percebemos que a clareza de expectativas e organização das etapas da aula favorecem o envolvimento, mesmo quando o tema não gera interesse imediato. O foco passa a ser o desenho da atividade: criar situações em que os alunos saibam por onde começar, como seguir e como perceber seus avanços. Essa percepção ajuda a superar a ideia de que apenas a relevância do conteúdo basta para engajar. O planejamento e a mediação docente se mostraram centrais nesse processo.

Participar do PIBID tem sido uma experiência essencial para a construção da minha identidade docente. As aulas realizadas e que não alcançaram os resultados esperados revelaram de forma concreta os desafios que não são totalmente compreendidos apenas pela via teórica. Enfrentar a sala de aula requer não só domínio de conteúdo, mas também escuta, flexibilidade, sensibilidade ao contexto e disposição para o erro.

As dificuldades encontradas não invalidam a experiência, pelo contrário, a tornam mais real e formativa. A segunda aula nos mostrou que é possível conquistar pequenos avanços quando se observa o contexto e adapta-se a proposta com sensibilidade. O engajamento, ainda que parcial, indicou caminhos e confirmou a importância de uma docência comprometida com a construção coletiva da aprendizagem.

Por fim, o PIBID nos possibilita um contato direto com a complexidade do espaço escolar, contribuindo para a nossa formação crítica e reflexiva enquanto futuras professoras de Língua Inglesa. O aprendizado vai além da língua: trata-se de aprender a estar com o outro, a se comunicar, e a criar pontes possíveis mesmo diante dos obstáculos iniciais.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
LAFOODBANK. **Understanding Food Deserts and the Importance of**

Addressing Food and Nutrition Insecurity. Acessado em: 19 jul. 2025. Disponível em: <https://www.lafoodbank.org/stories/understanding-food-deserts/>

SHIRLEY, D.; HARGREAVES, A. Introdução. In: SHIRLEY, D.; HARGREAVES, A. **Cinco Caminhos para o Engajamento: Rumo ao Aprendizado e ao Sucesso do Estudante.** Porto Alegre: Penso, 2022. p. [1-11].

SHIRLEY, D.; HARGREAVES, A. Os cinco caminhos para o engajamento do estudante: na teoria e na prática. In: SHIRLEY, D.; HARGREAVES, A. **Cinco Caminhos para o Engajamento: Rumo ao Aprendizado e ao Sucesso do Estudante.** Porto Alegre: Penso, 2022. p. [183-213].